CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OLHARES DA ESLOVÉNIA - A CINEMATECA COM OS OLHARES DO MEDITERRÂNEO - WOMEN'S FILM FESTIVAL
24 de novembro de 2026

IDA, KI JE PELA TAKO GRDO, DA SO SE MRTVI VSTALI OD MRTVIH IN ZAPELI Z NJO / 2025

(*"Ida, que Cantava Tão Mal que até os Mortos se Levantavam para Cantar com Ela"*)

um filme de ESTER IVAKIC

Realização: Ester Ivakic / *Argumento*: Ester Ivakic e Nika Jurman a partir de contos da coleção "Noben glas" de Suzana Tratnik / *Direção de fotografia*: Rok Kajzer Nagode / *Direção artística*: Eva Ferlan / *Figurinos*: Ina Ferlan / *Caracterização*: Lea Bratusek (maquilhagem principal), Ksenija Imerovic (cabelos) / *Som*: Samo Jurca (desenho e mistura de som), Igor Iskra (captação, edição e *foley*), Natasa Sormaz e Natalija Strahinic (efeitos sonoros) / *Efeitos especiais*: Klemen Hren (coordenação), Tadej Blatnik, Andrej Crnivec, Matjaz Glivar, Primoz Globokar, Maks Muhic e Jan Spik / *Efeitos visuais*: Zoran Mihailovic / *Música original*: Simon Pensek e Alenja Pivko Knezevic / *Montagem*: Andrej Nagode / *Casting*: Alenka Krc / *Interpretação*: Lana Maric (Ida), Liza Mursic (Terezka), Judita Franković (Ivana), Matej Puc (Stanko), Milena Stropnik (Avó), Petja Labovic (Loser), Mila Persin (Anita), Miranda Trnjanin (Darja), Eva Strazar (professora de música), Lara Maria Vouk (professora da turma), Mario Dragojevic (diretor da escola) e Dario Nozic Serini (Milan).

Produção: Temporama, em coprodução com Gustav film, RTV Slovenia e Film Factory, em associação com a Dinaridi Film (Eslovénia, Croácia, 2025) / *Produtores*: Andraz Jeric e Jerca Jeric / *Coprodutores*: Mojca Pernat e Petra Vidmar / *Produtores executivos*: Martina Novak, Martina Pestaj, Andraz Pöschl e Tanja Princic / *Produtora associada*: Tena Gojic / *Cópia*: DCP, colorida, formato de imagem 1,85:1, som Dolby Digital 5.1, falada em esloveno e bósnio, legendada em inglês e eletronicamente em português / *Duração*: 109 minutos / *Estreia mundial*: 7 de novembro de 2025, Cottbus International Film Festival (Alemanha) / *Estreia na Eslovénia*: 15 de novembro de 2025, LIFFe - Ljubljana International Film Festival / *Inédito em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

Em 2016, a escritora eslovena Suzana Tratnik publicou uma coleção de contos titulada *Noblen glas* (que pode ser traduzido como "Sem voz" ou "Nenhuma das vozes"). Os setes contos presentes neste livro são protagonizados por uma mesma personagem, uma jovem rapariga que conclui a infância e começa a experimentar a adolescência – cada conto retrata a menina numa idade diferente. Num dos contos aborda-se a morte da avó, noutro a rispidez (e violência) da professora, noutro ainda o divórcio dos pais. Sendo que todos estes elementos – que carregam certa carga autobiográfica – são entretecidos por elementos mágicos ou oníricos (sempre segundo o ponto de vista de uma criança que tenta dar sentido ao mundo à sua volta).

Por sua vez, a realizadora Ester Ivakic conclui os seus estudos em "Artes Digital" nas Escola de Belas Artes Nova Gorica precisamente em 2016, ano em que começou a estudar cinema no Conservatório de Liubliana (AGRFT). É possível imaginar a jovem estudante de cinema a ler este livro e a imaginar como seria adaptá-lo enquanto história *coming of age* pontuada por elementos fantásticos. Na verdade, foi o produtor que leu, adquiriu os direitos e propôs à jovem realizadora juntar-se ao projeto. Como explicou em entrevista à Fipresci, "Quando comecei a ler o livro, não quis aceitar logo, porque, apesar de me estarem a propor um longa-metragem, precisava de sentir uma ligação com a história. Mas acabei mesmo por me apaixonar pelo livro e senti uma grande ligação com a Nika. Além disso, havia muitas coisas com que me identificava. Foi por isso que aceitei." Passaria uma década, e várias curtas-metragens mais ou menos académicas pelo meio, até que a realizadora conseguisse concluir a sua primeira longa-metragem. Ei-la.

Em resposta ao curto e misterioso título do livro de contos, Ester Ivakic contrapõe um longo e explicativo título: **Ida, Ki Je Pela Tako Grdo, Da So Se Mrtvi Vstali Od Mrtvih In Zapeli Z Njo** ("Ida, que Cantava Tão Mal que até os Mortos se Levantavam para Cantar com Ela"). Refiro-o porque, como se perceberá, este "parágrafo" ilumina e condiciona a experiência do filme. É certo que talvez seja uma provocação irónica ou até mesmo autoral – uma vez que a curta-metragem imediatamente precedente da realizadora levava por título **Vse, kar ti hocem povedati s telepatskimi signali, ko me ne poslusas** ("Tudo Aquilo que Estou a Tentar Dizer-te Usando Sinais Telepáticos quando Não me Estás a Ouvir").

O certo é que, logo a partir do título, se perceberá que há, não só uma dimensão de fábula, como a possibilidade da protagonista conviver com aqueles que já morreram. Assim, de princípio, a instabilidade das personagens secundárias – estão elas vivas ou mortas? – impõe sobre o espectador uma suspeita que o final virá esclarecer. É natural que uma personagem cuja roupa, ensanguentada, não muda ao longo de todo o filme seja, afinal, o produto da imaginação da menina – ou simplesmente uma assombração benigna que a acompanha. Mas a incerteza quanto à sua natureza propaga-se para outras personagens (que afinal estão bem vivas): como sejam as tias (a quem aconteceu uma tragédia nunca explicada) ou aos turistas sérvios (um deles com a mão engessada, outro que brinca com uma faca para passar o tempo). Ester Ivakic nunca faz dessa dúvida um *plot twist* nem muito menos um exercício lúdico – isto não é o **The Sixth Sense**. Mas, ao mesmo tempo, instala-se uma desconfiança (um mal-estar) que infeta todas as personagens em torno de Ida – especialmente a partir da sequência da festa no hotel, em que de facto a rapariga canta muito mal e aquelas que a rodeiam juntam-se a ela em cantoria.

Mesmo sem se saber que o filme se trata de uma adaptação de uma coleção de contos, é evidente que há uma dimensão episódica algo descosida em **Ida, Ki Je Pela Tako Grdo**. O momento mais flagrante é mesmo a sequência intermédia, quando a mãe e a filha deixam a casa de família. Nesse episódio, toda a ação anterior fica suspensa. Esquecem-se as outras personagens (a avó, o pai, a professora, a amiga, etc.) e, ao longo de 30 minutos, o filme apresenta-nos outra história com as mesmas personagens (Ida e a sua mãe). É, no mínimo, desconcertante.

Esta qualidade algo fragmentada e deambulatória não traduz só (ou não necessariamente) a partição do livro de contos. Ela é coerente com a própria experiência da infância e, em particular, do modo como a recordamos – com momentos ou períodos muito vívidos, interrompidos por violentas elipses. Se é certo que o lado desconjuntado do argumento é algo perturbador, também é verdade que essa característica ressoa num retrato mais amplo (e atmosférico) da infância. Recuperando a já citada entrevista, a realizadora esclarece isto mesmo quando questionada sobre o modo como procedeu à adaptação, "Quando vejo o filme agora, já não consigo lembrar-me do que estava no livro e do que não estava, nem do que foi inventado. Mas sei que quando o lemos, estava cheio de vida, com uma certa energia e uma atmosfera intensa — tinha aquele espírito." Foi isso que Ester Ivakic tentou fixar. É isso que, nos seus melhores momentos, **Ida, Ki Je Pela Tako Grdo, Da So Se Mrtvi Vstali Od Mrtvih In Zapeli Z Njo** alcança.

Ricardo Vieira Lisboa